

MOSTEIROS CISTERCIENSES, RELIGIOSIDADE E SANTIDADE (LEÓN, ESPANHA, SÉC. XII-XIII)

CISTERCIAN MONASTERIES, RELIGIOUS AND HOLINESS
(LEÓN, SPAIN, 12TH-13TH CENTURIES)

Maria Filomena Coelho

Universidade de Brasília/PEM

Correspondência:

UnB - Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte, sobreloja
Departamento de História - Asa Norte, Brasília/DF, CEP: 70910-900
Email: filo-coelho@hotmail.com

Resumo

Este artigo propõe uma análise da religiosidade e da santidade dos mosteiros cistercienses do antigo Reino de León (Espanha), desde a fundação a meados do século XIII, numa perspectiva que procura ir além das abordagens que se filiam à História da Religião e à História da Igreja. Pretende-se sublinhar a necessidade de interpretar a santidade na perspectiva da História Política, de forma a compreendê-la em conjunto.

Palavras-chave santidade e religiosidade medievais; monacato cisterciense; aristocracia cristã medieval.

Abstract

This article offers an analysis of the religiosity and sanctity of the Cistercian monasteries of the Kingdom of León (Spain), from the foundation until the 13th century, in a different view from the usual approaches in History of Religions and History of the Church. The aim is to underline the importance of interpreting sanctity from the perspective of Political History, in order to understand its symbiotic relation to the territorialization of the Christian aristocracy in that region *religiosa* in the eleventh and twelfth centuries.

Keywords: medieval sanctity and religiosity; Cistercian monasticism; medieval Christian aristocracy.

Religiosidade e santidade são aspectos profundamente ligados à vida monástica medieval, ressaltados amplamente pela historiografia. Entretanto, é importante notar que, no âmbito dos estudos de Cister, essas características não ganharam especial destaque. As razões são variadas, mas no que se refere à Península Ibérica e, no caso específico que nos dispomos a analisar neste artigo, aos mosteiros cistercienses do antigo Reino de Leão, cremos que essa ausência se deve ao fato da historiografia ter optado por uma abordagem excessivamente focada na análise dos domínios monásticos, entendidos na lógica do senhorio feudal. Referimo-nos, sobretudo, aos estudos acadêmicos que resultaram em teses de doutorado. Mas, paralelamente, há uma historiografia produzida no âmbito eclesiástico, cujas origens são muito mais antigas, que escreveu uma história desses mosteiros da Ordem de Cister em Leão com a preocupação de ressaltar a densidade institucional das fundações, a piedade dos patronos, e de tornar conhecidos os nomes de abades e abadesas. O fato é que, nem sequer essa história escrita por eclesiásticos dá especial ênfase à dimensão da santidade e da religiosidade. A Ordem de Cister, na Península Ibérica, foi entendida pelos historiadores como uma espécie de agente da monarquia e da nobreza na árdua tarefa de povoar as terras que iam sendo reconquistadas, uma vez que seus princípios organizacionais garantiriam uma efetiva ocupação dos territórios. Assim, embora esses estudos não deixem de mencionar a existência de práticas religiosas, como missas e procissões, ou a posse de relíquias, é como se tais elementos fizessem parte de um aparato institucional, mas sem muita importância para entender o ‘verdadeiro’ papel dos cistercienses, entre os séculos XII e XIII.

De forma diferente, propomo-nos apresentar neste artigo alguns elementos que permitam evidenciar que a santidade é a pedra angular sobre a qual se equilibra a força institucional e o sucesso que a Ordem de Cister alcança no reino de Leão nesse período. O conceito de santidade, porém, não pode restringir-se às manifestações que hoje consideramos dignas do termo. Tem de abarcar o sentido de territorialização da aristocracia cristã, cuja dominação sobre as ordens inferiores da sociedade se assentava na lógica da santidade, manifestada em diversos aspectos da vida.

Os mosteiros cistercienses leoneses formam um conjunto de onze cenóbios, seis masculinos e cinco femininos, fundados/reformados entre meados do século XII e XIII. No caso dos monges, trata-se de Valparaíso (1143), Moreruela (1158), Nogales (1164), Sandoval (1168), Carracedo (1200) e Castañeda (1245); no que se refere às monjas, Gradefes (1168), Carrizo (1176), San Miguel de las Dueñas (1200), Villabuena (1229) e Otero de las Dueñas (1240). No que se refere aos mosteiros masculinos, apenas um, o de Sandoval, nasceu cisterciense, e os demais têm um passado beneditino e até mesmo moçárabe. Com relação aos femininos, a situação se inverte, pois somente o de San Miguel de las Dueñas tem um passado que remonta provavelmente ao século X, como fundação masculina, que no século XII seria transformado em comunidade feminina vinculada ao mosteiro beneditino de

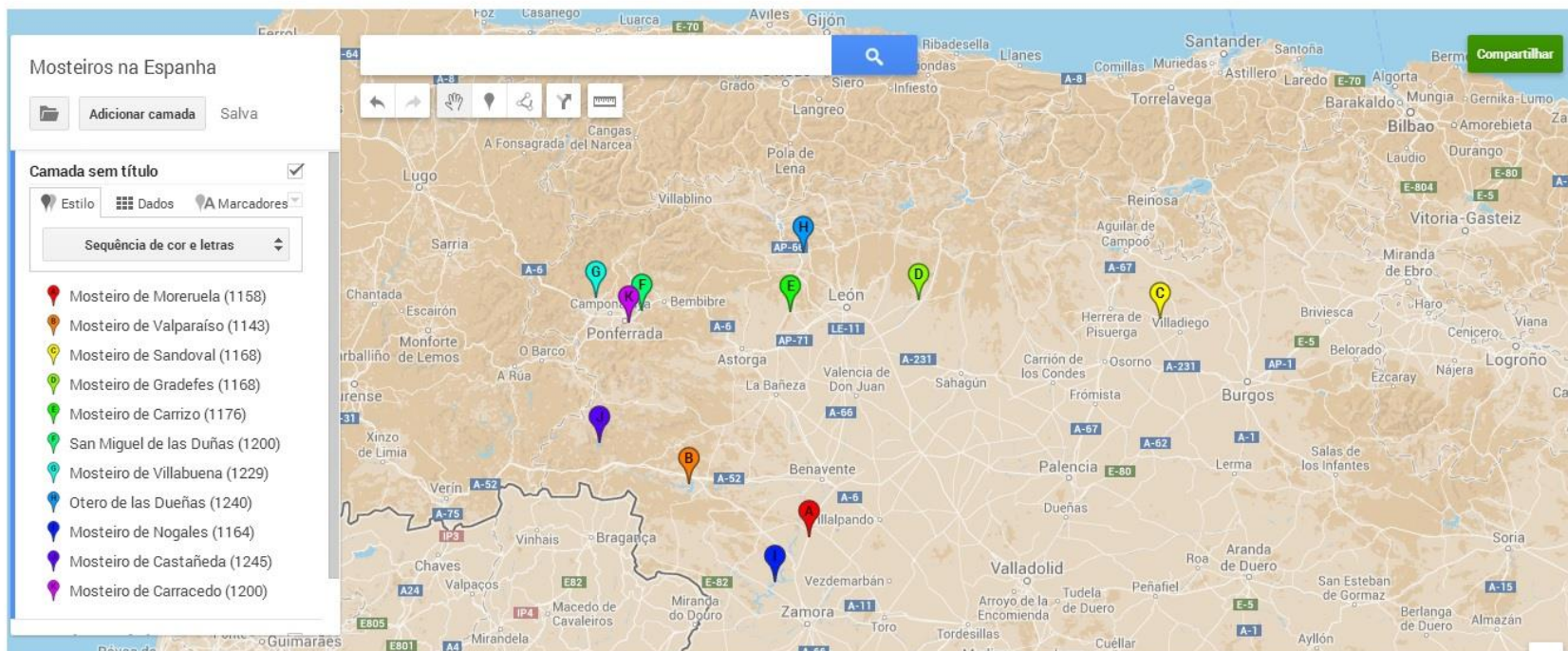


Figura 1 – Localização dos mosteiros cistercienses de León

Carracedo, cuja mudança para a observância de Cister, em 1200, afetou também a San Miguel.¹

A Ordem de Cister entrou na Península Ibérica em meados do século XII, registrando-se, então, numerosas fundações. De acordo com a tradição cisterciense, acredita-se que a

¹ Para os dados históricos referentes a esses mosteiros, ver: BANGO TORVISO, I. (coord.). *Monjes y monasterios. El Cister en el medioevo de Castilla y León*. Valladolid: Junta de Castilla y León, 1998. BURÓN CASTRO, T. *Colección Documental del Monasterio de Gradefes(1054-1299)*. Tomo I. León: Ed. San Isidoro, 1998. CASADO LOBATO, M.C.. *Colección diplomática del monasterio de Carrizo*. 2 vol. León: Ed. San Isidoro, 1983. CASTÁN LANASPA, G.. *Documentos del monasterio de Villaverde de Sandoval (XII-XV)*. Salamanca, 1981. CAVERO DOMÍNGUEZ, G.; GONZÁLEZ GARCÍA, M. A.. *El Monasterio cisterciense de San Miguel de las Dueñas*. León: Universidad de León, 2000. FLÓREZ, Henrique. *España Sagrada*. Tomo XVI. Madrid, 1762. PÉREZ-EMBED, J. *El Cister en Castilla y León. Monacato y Dominios rurales (s.XII-XV)*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 1986. YAÑEZ-NEIRA, Fr. D. *El Monasterio de Villabuena, fundación de una Santa Reina*. In: *Archivos Leoneses*, 40 (1986).

primeira fundação ocorreu em Navarra, em 1140, com o mosteiro de Fitero. A partir desta casa monástica, a Ordem expande-se rapidamente por Leão e Castela, principalmente com a reforma de antigas comunidades que passam a adequar-se às exigências da nova observância. Seguindo o grande êxito alcançado pelos mosteiros masculinos, as fundações femininas proliferaram. A primeira experiência foi levada a cabo também em Navarra, no mosteiro de Tulebras, por volta de 1149, mas é preciso lembrar que essas fundações não eram aceitas pelo Capítulo Geral de Citeaux, uma vez que não se reconhecia oficialmente a existência de um ramo feminino da Ordem. A situação mudaria em 1188, quando o rei Alfonso VIII conseguiu a permissão para que o mosteiro das Huelgas de Burgos se constituísse em Capítulo Geral dos demais cenóbios femininos que observavam os costumes cistercienses em Leão e Castela, levando a Ordem a promover o mosteiro de Tart, na Borgonha, à categoria de Capítulo Geral dos demais cenóbios femininos. Reconheciam-se, enfim, as monjas cistercienses. De qualquer forma, para o tema que nos ocupa, o importante é sublinhar a intensidade do fenômeno monástico cisterciense em Leão, entre meados do século XII e a metade do XIII, promovido pela aristocracia cristã da região.

Santificação de espaços

A fundação de um mosteiro, ou seja, a construção dos edifícios que dão abrigo à comunidade de monges e monjas e da igreja, pode ser vista, por si só, como a criação de um espaço de santidade. Neste sentido, parte-se da ideia de que a sociedade medieval classificaria esse ato como santo, na medida em que a comunidade de religiosos encarnava a própria santidade, devido ao tipo de vida que escolhia levar, apartada do mundo e submetida a uma regra que ordenava a sua existência e o seu cotidiano de forma restritiva. É comum que nos documentos apareçam referências aos “santos monges” ou às “santas monjas”, como evocação genérica e típica desse universo.² Entretanto, é possível observar que essa espécie de natureza era acompanhada por uma série de outros elementos, devidamente elaborados e redimensionados pela ação daqueles que estavam encarregados, desde a fundação, dos destinos desses mosteiros.

Em Leão, como já referimos, a maior parte dos mosteiros masculinos cistercienses tinha um passado beneditino, e a reforma é fruto das iniciativas da aristocracia cristã. Da forma como pensamos abordar este tema, não entendemos que se deva insistir na distinção classificatória que separa as iniciativas da monarquia, daquelas da nobreza e ainda do episcopado. Queremos sublinhar a necessidade de se entender o monacato de forma conjunta com outros aspectos da história

² Por exemplo, veja-se a carta fundacional de Carrizo, na qual a Condessa Estefanía Ramírez diz fazer a doação de seu patrimônio de arras à Ordem de Cister, para que nesse lugar seja erigida “uma abadia de santas monjas”. CASADO, *op.cit.*, doc.35 (1176)

política do assentamento e consolidação da aristocracia cristã, formada por todos esses segmentos sociais.³

Assim, apesar de a monarquia estar diretamente ligada à fundação do primeiro mosteiro cisterciense masculino de Leão, Valparaíso, em 1143,⁴ o sucesso deste deve-se à forma como a aristocracia laica e eclesiástica acabou por se envolver na vida do cenóbio. O mosteiro teve origem numa comunidade eremítica, situada entre Zamora e Salamanca, liderada por Martín Cid, cuja fama de santidade⁵ levou uns monges cistercienses borgonheses, de passagem pela região, a proporem ao rei Alfonso VII que dotasse convenientemente a casa, de modo a permitir o surgimento de um mosteiro cisterciense. Portanto, faz parte do patrimônio dotacional, o capital político de santidade no qual se assenta a instituição monástica. Neste mesmo sentido, deve-se entender o passado cenobítico de alguns desses mosteiros, cujo papel de liderança antiga sobre outros centros, já lhes dava esse caráter. Por exemplo, no caso de Carracedo, a configuração anterior à reforma cisterciense, em 1200, supunha uma constelação de pequenos mosteiros que lhe era vinculada, dando-lhe fama de grande casa religiosa.

A organização da Ordem de Cister, de acordo com a *Carta Caritatis*, segue um sistema de filiações com o objetivo de gerar uma cadeia de obediências entre os mosteiros, na qual as fundações mais antigas dão origem a outros cenóbios, convertendo-se em *casas mater* e, em consequência, adquirindo preponderância sobre as suas filiais. De acordo com os princípios da Ordem, essa lógica não se ampara na evocação da antiguidade *per se*, mas no que o fato de ser mais antiga significa em termos do percurso no caminho da santidade. Ser mais antigo na Ordem de Cister é o mesmo que dizer que se conhece melhor e que se tem mais experiência. E se essa antiguidade está ligada à própria origem da reforma de Cister, como é o caso dos mosteiros de Cîteaux e de Clairvaux, aumenta-se o lastro de santidade.

Embora se deva ao monge Robert, do mosteiro beneditino de Molesmes, o início do movimento ascético que, em 1098, o levaria juntamente com doze companheiros a se instalar no lugar ermo de Cîteaux, no intuito de recuperar e por em prática os rigores da Regra de São Bento, o fato é que somente alguns anos mais tarde, graças a outro personagem, a Ordem conseguiu se expandir, a ponto de se converter num fenômeno que suplantou Cluny. Trata-se de Bernardo, membro de uma das grandes linhagens da nobreza da Borgonha, os senhores de Fontaine e de Châtillon-sur-Seine.⁶ Aos 23 anos, professou como monge em Cîteaux, e dois anos depois já estava em condições de ser escolhido como abade da terceira filial desse mosteiro: Clairvaux. A partir deste cenóbio, Bernardo constrói a fama que o cre-

³ Neste sentido, ver: COELHO, Maria Filomena. A territorialização de “mosteiros nobres”. Experiências de assentamento e de domínio (Leão, séc. XII-XIII). In: *Revista Territórios e Fronteiras*, vol. 4, n. 2 (2011), p. 34-56.

⁴ Sobre Valparaíso, ver: PÉREZ-EMBID, *op. cit.*, p. 40, 41.

⁵ “Martinum Cidis, quem invini virum iustum et sanctum”. *Apud*, PÉREZ-EMBID, *op. cit.* p. 40.

⁶ Bernardo nasceu em 1091, filho do conde Tescelin II Le Saur, senhor de Fontaine e de Châtillon-sur-Seine, e de Aleth de Montbar. RICHÉ, Pierre. *Vida de São Bernardo*. São Paulo: Loyola, 1991.

denciaria a receber o ‘diploma’ de doutor da Igreja e, mais tarde, o reconhecimento de santidade. Entretanto, é preciso salientar que o caminho de santidade de Bernardo não está pavimentado com a renúncia ao mundo, ou a privação, ou mesmo com capacidades taumáticas.⁷ A santidade advém-lhe da maneira como se envolve nas principais questões políticas de seu tempo, em favor do que ele considerava ser a verdade das causas em disputa, da sabedoria e do carisma que lhe reconheceram seus contemporâneos, e do afinco com que expandiu a Ordem de Cister.

Em Leão, os mosteiros masculinos fundados no século XII filiam-se à linhagem de Bernardo, ou seja, a Clairvaux. Valparaíso é o primeiro a estabelecer esse laço. Morerueta e Sandoval são criados a partir de monges originários do mosteiro de La Espina, em Castela, mas cuja fundação estava diretamente ligada a Clairvaux. Nogales se filiará a Morerueta, associando-se, conseqüentemente, a Clairvaux. Somente Carracedo, que sofreu a reforma apenas em 1200, se filiará a Citeaux, bem como Castañeda, que já fazia parte dos cenóbios sob sua influência. O sucesso de Clairvaux como *casa mater* parece muito vinculado ao próprio Bernardo. Após a morte deste, em 1153, nota-se o declínio da liderança desse centro e a ascensão de Citeaux, inclusive no papel de sede do Capítulo Geral. Quanto aos mosteiros de Leão é evidente a opção de unir os cenóbios à fama do abade de Clairvaux.

Ainda dentro dessa lógica de associação, como parte da construção da santidade, é importante ressaltar o peso das linhagens nobiliárquicas. Fruto da separação que normalmente se estabelece entre mundo laico e religioso, dificilmente se interpreta a presença das linhagens aristocráticas como elemento que contribuía para a santificação do cenóbio. Ao contrário, a tendência é que a historiografia classifique tal presença como intrusão, e até mesmo como desvirtuamento e corrupção da vida monástica.⁸ Porém, quando a história do monacato é abordada de forma menos institucionalista, é possível compreender o quanto a participação direta da aristocracia cristã foi importante para a santificação dessas comunidades. O patrono terreno, ou seja, aquele responsável pela existência do mosteiro, é fundamental, inclusive, para garantir que a comunidade tenha as condições ideais para cumprir sua missão. Há linhagens que se vincularam com grande protagonismo à implantação e difusão de Cister no reino de Leão como é o caso dos Ponce de Cabrera, ligados a Morerueta e a Nogales, e os Ponce de Minerva ligados a Sandoval e a Carrizo.⁹ Mas é importante também incluir aqui o peso que a monarquia leonesa, e depois castelhana, teve para a expansão dos cistercienses, não de uma forma instrumental, como boa parte da historiografia gosta de destacar, mas como forma de

⁷ Embora haja uma tradição cisterciense que lhe atribui alguns milagres, como no caso da carta dirigida ao sobrinho Roberto, que apesar de escrita sob forte chuva, não se molhou. Nela, Bernardo admoestava-o pelo fato de ter preferido entrar para a Ordem de Cluny, ao invés de seguir os princípios de Cister.

⁸ Sobre esta questão, ver: COELHO, Maria Filomena. *Expresiones del poder feudal*. El Cister femenino en León (siglos XII y XIII). León: Univ. de León, 2006.

⁹ PÉREZ EMBID, *op. cit.*, p. 43.

se associar à santidade daqueles empreendimentos.¹⁰ Assim, por um lado, constam-se estratégias de doação de patrimônio e direitos à nobreza local, com vistas à dotação de mosteiros, e, por outro, registram-se as doações que os monarcas fazem diretamente aos mosteiros leoneses, apelando para a intercessão dos religiosos, *pro anima* com orações e sufrágios. Lembramos, a título de exemplo, a ligação especial que Fernando III teve com Valparaíso, pelo fato de ter nascido no mosteiro.¹¹ Neste caso, há uma especial simbiose de santidade, uma vez que o monarca será canonizado depois de sua morte (Fernando, *el Santo*). Da mesma forma, é importante o envolvimento de parentes de primeiro grau dos monarcas na promoção dos cistercienses leoneses, como é o caso da fundação do mosteiro feminino de Villabuena, em 1229, levada a cabo pela rainha Tereza, que havia sido casada com Alfonso IX de León.

Apresentaremos, a seguir, três exemplos relativos ao monacato feminino que permitem evidenciar a simbiose à qual nos referimos.

A fundação de Gradefes data de 1168, fruto da decisão de Teresa Pérez, viúva de García Pérez, e sua comunidade monástica é originária do mosteiro de Tulebras. O casal descende de linhagens nobres leonesas. Porém, na segunda metade do século XII, a sua projeção não vai além do âmbito regional. Descende da casa condal dos Alfonsos, mas ao contrário de outros membros desta linhagem, como os Osórios e os Villalobos, que conseguiram formar novas casas importantes, García Pérez é reconhecidamente um cavaleiro leonês com laços vassálicos que o atam à alta nobreza do reino.¹² Sobre Teresa há menos informações familiares, mas é possível deduzir que sua ascendência seja similar à do marido.¹³ Depois de enviuvar, Teresa Pérez decide fundar um mosteiro feminino em seus domínios de Gradefes, no qual professaria como primeira abadessa. A segunda, María García, era provavelmente filha da fundadora, e a terceira, Aldonza, sua neta. Posteriormente, no final da primeira metade do século XIII, a priora, María Tellez, poderia ser parente do casal formado por Tello de Meneses e Guntrodo García, filha da fundadora.¹⁴

Outro mosteiro, Carrizo, foi fundado em 1176, por Estefanía Ramírez, descendente da alta nobreza de Leão. Seu avô, o conde Froilán Didaz, era um perso-

¹⁰ É claro que não pretendemos “passar de um polo a outro”, e defender que as intenções da monarquia eram puramente espirituais. Apenas queremos chamar a atenção para a necessidade de incluir a dimensão espiritual na política dos monarcas e da nobreza. Enfim, eram as estratégias da aristocracia cristã.

¹¹ Na verdade, Fernando III nasceu em Peleas, local do primeiro assentamento de Martín Cid e seus companheiros. Somente em meados do século XIII, a comunidade mudou-se para Valparaíso.

¹² Esses laços vassálicos são evidentes na doação que recebe do conde Ramiro Froilaz, em 1153, na qual se lê: “*pro tuo servitio que michi semper fecisti cum directa voluntate, que placuit michi benigne*”. BURÓN CASTRO, *op. cit.* doc. 77 (1153).

¹³ Está documentada a relação vassálica que seu irmão, Rodrigo Pérez, tinha com o conde Ponce de Cabrera.

¹⁴ BURÓN CASTRO, *op. cit.*, docs. 198, 444 (1233), 457 (1237), 458 (1237), 470 (1240), 473 (1240) y 478 (1240).

nagem conhecido da vida política do reino no início do século XII, tal como seu pai, o conde Ramiro Froilaz, nos reinados de Alfonso VII e de Fernando II, e seus irmãos, os condes Alfonso e Fruela Ramírez. Entretanto, Estefanía não herda esse patrimônio linhagístico. Casa-se com o conde Ponce de Minerva, de origem catalã, que chegara ao reino de Leão ainda criança, no séquito da rainha Berenguela. Embora descendente de uma casa condal, Ponce de Minerva não possui raízes territoriais em Leão, e os domínios do casal foram construídos ao longo da vida matrimonial. A condessa Estefanía decide fundar Carrizo depois de enviuar, colocando sua filha, Maria, como abadessa e pasando ali longas temporadas. Embora seja difícil descobrir o parentesco das seguintes abadesas, o fato é que no século XIII ficará patente o domínio do mosteiro por um ramo colateral da linhagem da condessa Estefanía: os Morán.

Já o mosteiro de Otero de Las Dueñas foi fundado em 1240 pela condessa María Nuñez de Guzmán, descendente da mais alta nobreza leonesa; por linha paterna, do conde Melendo Nuñez e da condessa María Froilaz, seus avós, e do conde Nuño Meléndez, seu pai; por linha materna, da Casa de Haro, cujos avós eram o conde Lope Díaz de Haro e Aldonza Ruiz de Castro, e a mãe, Urraca López de Haro.¹⁵ Em função do assentamento das linhagens paterna e materna, a condessa María Nuñez herdou uma vasta extensão territorial na Montanha Leonesa. Até onde se sabe, María Nuñez não chegou a casar-se e provavelmente era monja em Carrizo antes da fundação de Otero.¹⁶ Em 1240, decide fundar um mosteiro na localidade de Otero, onde ingressou como monja, e apesar de promover a eleição de uma abadessa, exige que todos os negócios do mosteiro lhe sejam também submetidos. Trata-se de uma tradição familiar da casa de Haro: vincular-se a mosteiros pela via da fundação e do controle administrativo. Na segunda metade do século XIII, a condessa possibilita que seu sobrinho, Gonzalo Morán, vinculado também a Gradefes e a Carrizo se tornasse *encomendero* do mosteiro.

Como se pode observar, há um padrão que se repete. Fundações promovidas por mulheres e uma continuidade do parentesco à frente do governo dos mosteiros, o que revela serem as fundações peças importantes na elaboração e desenvolvimento das estratégias das linhagens. Mas também faz parte dessa estratégia a construção de uma imagem cristã fortemente associada a espaços sagrados, indispensável para o seu reconhecimento como senhores de fato e de direito.

Os membros vivos das linhagens esforçam-se nessa construção, mas sem descurar do potencial dos mortos. São estes que povoam de forma efetiva os edifícios das igrejas dos mosteiros, chegando mesmo a constituir panteões familiares. A

¹⁵ Urraca López de Haro viria a ser rainha de Leão, ao casar-se com Fernando II – seu terceiro casamento. Sobre a ascendência de María Nuñez, ver: RODRÍGUEZ, R.. *Catálogo de Documentos del Monasterio de Santa María de Otero de Las Dueñas*. León: 1948, p.8.; PÉREZ DE TUDELA, M.I.. *El monasterio de Vileña en sus documentos*. Madrid: 1977.

¹⁶ Esta informação aparece num documento de Otero, de 1234, mas é importante notar que María Nuñez não deixou qualquer rastro nos arquivos de Carrizo. ARCHIVO DIOCESANO DE LEÓN, *Fondos de Otero de Las Dueñas*, doc.321 (1234).

fama dos mortos é mais maleável do que a dos vivos, e só o fato de estar enterrado num túmulo suntuoso em lugar de destaque na igreja já pressupõe tratar-se de um cristão de qualidade. A simbiose de benefícios é intensa, o que torna difícil dizer quem se beneficia mais: se o mosteiro pela presença dos mortos, ou estes pela morada que recebem. Parece claro que aos olhos dos contemporâneos, trata-se de mosteiros santos e nobres.

Os enterramentos são frequentes nos mosteiros de Leão, muito embora o estado ruinoso - ou até mesmo o desaparecimento - de boa parte dos edifícios impeça conhecer a quantidade e a identidade dos mortos que eram sepultados nas igrejas monásticas.¹⁷



Figura 2 – Sepulcros atribuídos a García Pérez e a Teresa Pérez (séc. XII)

Fonte:

<https://www.flickr.com/photos/albtotxo/5758602773/sizes/m/in/photostream/> Acesso em: 14 jun 2014

Entretanto, para além do recinto da igreja, havia ainda enterramentos nas dependências da clausura, que embora não pudessem ser vistas por todos os visitantes, eram famosas e faziam parte da narrativa oral que contribuía para o prestígio do mosteiro. A título de exemplo, sobre a importante presença des-

ses conjuntos sepulcrais dos mosteiros de Leão, citamos os enterramentos de Gradefes e de Sandoval.

¹⁷ Dos mosteiros que analisamos neste artigo, apenas Gradefes, Carrizo e San Miguel de las Dueñas ainda existem e têm vida monástica ativa. Carracedo, sem vida religiosa, preserva boa parte de seus edifícios, que foram recuperados. Sandoval e Castañeda preservam basicamente o edifício da igreja e o restante das instalações encontra-se em estado ruinoso. De Moreruela e Nogales restam apenas ruínas, mas que ainda evocam a imponência de outrora dos edifícios. Valparaíso, Otero de Las Dueñas e Villabuena praticamente desapareceram.

Tal como se pode deprender da imagem a seguir, os enterramentos de Gradefes não passavam despercebidos.

Aqueles atribuídos à fundadora, Teresa Pérez e a seu marido, García Pérez, encontram-se no presbitério, à esquerda da nave central, encimados por estátuas jacentes, colocadas de



forma simétrica. Os atributos de cada imagem não deixam dúvidas: trata-se de uma senhora nobre e de um cavaleiro.

Figura 3 – Detalhe dos sepulcros atribuídos a García Pérez e a Teresa Pérez

Foto de Álvaro Cruz García. Disponível em:
<http://www.artehistoria.jcyl.es/v2/obras/32070.htm>.
 Acesso em: 14 jun 2014.

Aproveitamos a descrição de Concha Casado e de António Cea, para apreciar melhor as imagens:

La dama aparece descansando, apoyada la cabeza sobre dos almofares. Lleva tocado de cofia o redecilla. Viste brial con ribete terciado que bordea el escote y baja por el centro del cuerpo. Las mangas ajustadas y las manos sujetando el manto, que se ordena hasta los pies en pliegues angulosos y paralelos. Calza chapines de pala apuntada, que se apoyan en dos lebreles. (...) El caballero viste ropa suelta y abotonada hasta el cuello, lisa en los hombros y cayendo luego en pliegues amplios y acanalados hasta los pies. Las mangas no llegan a tapar el codo y rematan con su ancho ribete. La mano izquierda empuña la espada por la cruz, e la otra el filo. Su calzado es de punteras muy pronunciadas. A sus pies un perro con collar. Lleva el cabello dispuesto de forma paralela sobre la frente y cae luego por detrás sin llegar a ocultar el cuello.¹⁸

A simbologia da nobreza é amplamente utilizada pelo mestre escultor: a aparência serena e altiva da face, o vestuário ricamente adornado, a maneira como o cavaleiro empunha sua espada e, finalmente, os cães que descansam aos pés de

¹⁸ CASADO, C.; CEA, A. *El monasterio de Santa María de Gradefes*. León: Ed. Lancia, 1987.

cada um. No caso da dama, dois galgos, cujas características principais residem na capacidade de ver longe e em todas as direções, além da agilidade e da velocidade incomparáveis. Na tradição clássica, o galgo (*lebrer*) associa-se ao amor e à virtude que combatem a corrupção. Com relação ao cavaleiro, trata-se de um cão com coleira, que certamente evoca a fidelidade que se deve ao senhor. Portanto, a mensagem transmitida pelo casal jazente é de nobreza, no melhor sentido do termo, pois abarca os principais valores cristãos.

Tal como se pode apreciar na primeira foto, há flores sobre o túmulo da dama, cuja tradição local reconhece como a fundadora, Teresa García. Rende-se culto ao túmulo desde épocas imemoriais, e a fama de santidade da dama vai sendo reavivada ao longo do tempo. Em 1916, há registros de que o túmulo teria sido aberto em presença do bispo de Leão, encontrando-se um corpo de mulher incorrupto com trajes medievais. Em 1953, o sepulcro voltaria a ser aberto com objetivos mais científicos, sem que se registrasse qualquer fato extraordinário.

Gradefes conta com oito túmulos: seis localizados na igreja e dois na sala capitular. Apenas um deles, datado do século XIV, está devidamente identificado por uma lápide, que informa tratar-se do capelão do mosteiro, d. Nicolás. Entretanto, todos eles são de boa feitura e os mortos que abrigavam eram bem conhecidos daqueles que frequentavam a igreja do cenóbio.

O mosteiro de Sandoval foi fundado pelos condes Ponce de Minerva e Estefanía Ramírez, a mesma responsável pela fundação de Carrizo. Na igreja encontram-se os túmulos do casal, reproduzidos a seguir.



Figura 4 – Túmulo de Ponce de Minerva

Fonte: http://cvc.cervantes.es/img/camino_santiago/galerias/sandoval/sandoval17.jpg. Acesso em: 14 jun 2014.



Figura 5 – Túmulo de Estefanía Ramírez

Fonte: www.cvc.cervantes.es. Acesso em: 14 jun 2014.



Figura 6 – Detalhe dos túmulos de Ponce de Minerva e de Estefanía Ramírez

Fonte: <http://viendoleon.blogspot.com.br/2012/08/iglesia-de-santa-maria-de-sandoval-leon.html>.

Acesso em: 14 jun 2014.

As estátuas dos condes, fundadores de Sandoval, assemelham-se bastante às de Gradefes, sobretudo no que tange à simbologia. A maneira como Ponce de Minerva jaz sobre seu túmulo, com trajes de cavaleiro - capa, saia, mangas abotoadas - e a forma como segura a espada, pela cruz da empunhadura, invertida e descansando sobre seu corpo, sugerem o justo e merecido repouso do guerreiro. A seus pés, aninha-se um galgo. Estefanía aparece envolvida num manto, e veste um *monjil*

que lhe chega aos pés, calça *zapatas* de sola, na mão direita segura um par de luvas, na cabeça tem um toucado liso de *rostrillo* e um véu de pontas. A seus pés, duas estatuetas de damas com toucados altos e brial, parecem ler, acompanhadas de dois cachorros cujas coleiras têm pequenos chocalhos.¹⁹ Assim, tanto os atuendos dos condes, como os elementos simbólicos que lhes são associados, revelam o nível social que ocupam e a maneira como viveram. Destacam-se, ainda, as cenas de luto que decoram a base frontal dos dois sepulcros. Nelas, vê-se ao centro o corpo do defunto e sua alma sendo transportada por dois anjos, enquanto uma pequena multidão ao redor chora a perda.

Outro aspecto que diz respeito à santidade dos mosteiros de Leão está vinculado ao Caminho de Santiago. No reino de Leão convergem vários trechos, mas para o caso dos mosteiros cistercienses, interessam principalmente os chamados, Caminho Francês, Caminho da Via da Prata e Caminho Velho. Praticamente todos os mosteiros que analisamos vinculam-se à dinâmica da peregrinação, redimensionando sua fama de santidade. É comum encontrar menções na documentação referentes à manutenção de albergues para acolher peregrinos, como no caso de San Miguel de Las Dueñas, que são também sustentadas pela arqueologia. No entorno de Gradefes são conhecidos alguns elementos que delatam a proximidade do Caminho de Santiago, como o hospital de *La Malata*, destinado a acolher aqueles que escolhiam o trecho que atravessava a montanha de Riaño²⁰. Com relação a Carrizo, sua localização, a somente 8km do trecho do Caminho que liga as cidades de Leão e Astorga, atraía constantemente os peregrinos. Aliás, em Carrizo foi alimentada a lenda de que a fundadora, Estefanía Ramírez, estava lavando os pés dos peregrinos, quando reconheceu entre eles a seu defunto marido. Uma manifestação maravilhosa que foi devidamente propagada afim de acrescentar a fama dos fundadores e do próprio mosteiro, chegando a ser registrada no século XVIII pelo Padre Flórez, na *España Sagrada*.²¹ A tal ponto Carrizo ficou associado à acolhida de peregrinos, que d. Maur Cocheril, um dos maiores especialistas da história cisterciense, afirma que foi esse o objetivo que presidiu a fundação do mosteiro.²² Entretanto, não podemos deixar de sublinhar que em princípio a reforma cisterciense não estimulava esses contatos permanentes com laicos, o que perturbava o recolhimento indispensável à correta vida monástica. Se isto poderia representar um fator de reprovação para os mosteiros masculinos, o que dizer dos femininos... Contudo, comprova-se que esses mosteiros construíram sua fama de santidade apoiados muito mais no contato que tinham com os devotos, do que no afastamento do mundo. Com relação aos mosteiros masculinos, todos possuíram hospitais de peregrinos e, neste sentido,

¹⁹ CASADO, C.; CEA. A. *Los monasterios de Santa María de Carrizo e de Santa María de Sandoval*. León: Ed. Lancia, 1986, p. 90-92.

²⁰ CALVO, A. *El monasterio de Gradefes*. León, 1936, p.24.

²¹ FLÓREZ, Enrique. *España Sagrada*. Teatro histórico y geográfico de la Iglesia de España. Tomo XVIII. Madrid: Oficina de António Marin, 1764, p. 50.

²² COCHERIL, Maur. L'implantation des abbayes cisterciens dans la Péninsule Iberique. *Anuario de Estudios Medievales*, I (1964), p. 216-287.

destaca-se o primeiro, Valparaíso, cuja adoção da reforma de Cister se deve a dois monges de Clairvaux, que estavam de passagem pela localidade de Peleas e foram acolhidos na albergaria que os confrades de Martin Cid mantinham. A santidade da pequena comunidade e de seu fundador chamou a atenção dos monges, que, como já referimos, convenceram Alfonso VII a doar terras e rendas para a fundação de Valparaíso.²³

O papado, sobretudo no século XIII, participará ativamente para estimular os fieis a acorrerem aos mosteiros, por meio de indulgências. Assim, em 1249, o papa Inocêncio IV ofereceu quarenta dias de indulgência àqueles que passassem nove dias em Nogales, quando da consagração da igreja do mosteiro, desde que o fizessem com devoção.²⁴ Pode-se imaginar que o ato papal atraiu peregrinos, incentivando-os a permanecer por mais tempo em Nogales, o que fortaleceu a imagem de santidade do cenóbio.

E, provavelmente, o grande afluxo de doações explica-se justamente por isso. As doações são quase sempre precedidas de motivação espiritual, porque os doadores consideram que a comunidade monástica possui as virtudes adequadas para tornar essas oferendas agradáveis aos olhos de Deus. Os exemplos na documentação que explicitam essa compreensão são intermináveis, tal como na doação que Carracedo recebe, em 1140, na qual o doador afirma que os monges perseveraram em santidade.²⁵ A salvação da alma e o perdão dos pecados do doador, assim como de seus familiares, são as razões que mais frequentemente aparecem nos cartulários medievais dos mosteiros. As fórmulas são variadas, mas todas evocam a capacidade de intermediação da comunidade de monges e monjas, como se pode ver nos exemplos a seguir: “pela alma de meus familiares e a remissão de meus pecados”; “pelo remédio de nossas almas e a intercessão superior do bispo S. Martinho”; “para que meus delitos sejam absolvidos por meio de vossas orações e intermediação dos santos, juntamente com o consórcio dos beatos”; “para o remédio de minha alma e expiação de meus crimes”; “pela retribuição da vida eterna”.²⁶ Apesar do caráter contratual que a maior parte das doações assumia, a preocupação espiritual é evidente, como nos documentos em que três famílias de camponeses declaram doar a Gradefes suas herdades, a totalidade na mesma vila e no mesmo ano, para salvação de suas almas.²⁷

Também nas compras e vendas se pode perceber como a dimensão econômica é afetada positivamente pela santidade do mosteiro. Às vezes um preço baixo, além da provável coação senhorial, pode significar tanto uma venda ‘pia’, quanto as expectativas interessadas do vendedor com o objetivo de facilitar uma relação

²³ PÉREZ-EMBID, *op. cit.*, p. 40.

²⁴ *Ibidem*, p. 192.

²⁵ “*qui in vita sancta perseveraverunt*”. *Ibidem* p. 50.

²⁶ Estas fórmulas foram recolhidas da documentação dos mosteiros masculinos cistercienses. PÉREZ-EMBID, *op. cit.*, p. 64.

²⁷ BURÓN CASTRO, *op.cit.*, doc.432 (1228), 433 (1228), 434 (1228).

futura com o mosteiro. Muitos o fazem como oferenda ao senhor e, com maior razão, se o senhor é um mosteiro que intermedeia as mercês divinas. Talvez seja esse o caso de Rodrigo Pérez que, em 1181, vende umas herdades a Gradefes, em Villa Mudarra, Capellanes e em Val de Gatón, por 20 mrs, acrescentando que "*quod magis valet illa hereditas affero vobis et peto ut misericorditer recipiatis per anima mea et per animabus patris et matris mee(...)*".²⁸

O desejo de conseguir a *familiaritas* foi outro dos motivos que embasaram as doações. Para muitos, o importante era ter a segurança de que a alma encontraria o eterno descanso por meio das orações das monjas. Esta via da *familiaritas* era duplamente eficiente, porque permitia que o mosteiro e a linhagem que lhe estava associada alargassem sua rede camponesa de vassallos, oferecendo como atrativo esse elemento de cunho religioso com o qual não contavam os senhores que recorriam estritamente a formas de dominação laicas. Mas essa instituição foi sobretudo importante nas relações com a nobreza. A *familiaritas*, como a compreendeu a historiografia mais tradicional das instituições, era o laço que unia o mosteiro àqueles que lhe ofereciam seu corpo, sua alma e seus bens. A entrega do corpo, ademais de supor uma importante participação do cenóbio na partilha final dos bens do doador, significava também que teria direito a ser enterrado no mosteiro e a desfrutar das orações do convento. Ao mesmo tempo, no caso de que o familiar viesse a sofrer algum revés econômico ou de saúde, o mosteiro se comprometia a acolhê-lo, e a cuidar de seu restabelecimento.²⁹ Em 1217, os pais da monja María Petri entregam uma vinha e uma terra ao mosteiro de Carrizo, patrimônio que recebem de volta sob forma de prestimônio, e a abadessa declara que os recebe "*pro familiaribus et corpora vestra sepelienda cum quanto volueritis ex substancia vestra*".³⁰ O nobre que requeria a *familiaritas* fazia-o principalmente com vista ao sepultamento e muitas vezes com a condição de que o mosteiro lhe permitisse vestir o hábito em seus últimos dias. Tal é o caso de Pedro Álvarez que, em 1257, se dirige ao abade de Castañeda para que "*por tal pleito que me governedes e me vistedes e me calçedes por en meus días (...). E heu don Vivian con todo convento damos vos parte de quanto hey se fazer enno monesterio en dia et en noche. Por esta helimosna que vos fazedes que fagamos por vos de pos de vosa norte así como por un companheiro*".³¹

Santificação de objetos

O tema dos objetos sagrados é muito mais facilmente associado ao processo de santificação dos mosteiros. Infelizmente, o fato de que os cenóbios masculinos tenham sofrido a desamortização do século XIX, resultou no estado ruinoso em

²⁸ *Ibidem*, doc. 143 (1181).

²⁹ Sobre uma perspectiva institucional da *familiaritas*, ver: ORLANDIS, José. *Estudios sobre instituciones monásticas medievales*. Pamplona: Univ. de Navarra, 1971

³⁰ CASADO, *op. cit.*, doc. 100.

³¹ PÉREZ-EMBID, *op. cit.*, p. 246.

que se encontram, ou até mesmo no seu desaparecimento, o que dificulta conhecer hoje em dia o inventário desses objetos. No começo do século XX, os relatos contemporâneos denunciavam a voracidade com que as próprias populações locais avançaram sobre os edifícios, levando tudo o que podiam, inclusive os blocos de pedra. Tal situação afetou muito menos os mosteiros femininos que conseguiram manter as comunidades de religiosas *in loco*, o que lhes permitiu preservar boa parte dos edifícios monásticos e de seu recheio. Assim, no que se refere aos objetos religiosos, sobrou muito pouco do patrimônio dos monges, sendo que algumas peças podem ser vistas nos museus diocesanos e históricos. De resto, sobram descrições, algumas produzidas pelos cenóbios no início da Idade Moderna, a título de inventário, que eram cuidadosamente copiadas nos *Tumbos*.

A parte das relíquias e dos objetos de culto era o que merecia atenção mais cuidadosa. Pelas listas de que dispomos, entende-se que cada mosteiro procurava prover-se do maior número de relíquias possível, desde que fossem de qualidade.

O livro *Tumbo de Valparaíso* registra uma longa lista de relíquias do mosteiro, que teria sido confeccionada em 1267:

De los huesos de Santa Cecilia, virgen. De los de Santa Justa y Rufina. De la columna en que Jesucristo fue atado. De los huesos de San Nicomedes, mártir. Del monumento de la Virgen. De los huesos de los santos Inocentes. De los cabellos de la beata Virgen. De los huesos y vestidos del Beato Rufo. De los huesos de las once mil vírgenes. Del manto de cierta virgen. Del vestido del Señor. De los huesos de San Ildelfonso, arzobispo de Toledo. De los de San Lucas, evangelista. De los de Santa Ágata, virgen y mártir. De los de San Pedro, presbítero y mártir de la orden de los Menores. Del madero del Señor. De la sangre de Santo Tomás. De la piedra que está antes de la del sepulcro. De la piedra en la que puso el señor los pies. De la candela que hubo en el fuego de la bajada del Espíritu Santo. Del pan de la Cena. De la vara de Aarón. De la mirra y del bálsamo. De la piedra que arrojó flores. Del polvo de San Vicente y de su indumentaria mortuoria. De los huesos de San Ginés. De los de Santo Tomás apóstol. Del madero de la puerta por la que entró Jesucristo en Jerusalén. De la piedra en que puso el Señor los pies cuando subió al cielo. De la vara de Moisés. De la piedra en que se sentó el Señor cuando predicó a sus discípulos en el monte Tabor. De la camisa de la B. Virgen. De los huesos del papa León y del papa Esteban y de la Santa Caridad. Del diente de San Dionisio y de su vestimenta. De los huesos de Santa Margarita. De la mesa del Señor y de la piedra en la que ayunó. Del barro de que fue formado Adán. De la tierra del río Jordán. De la tierra del mar Rojo. De las vestimentas del Salvador y de las de San Pedro Apóstol. De la cabeza de San Bernabé Apóstol. De los huesos de San Lorenzo. De los huesos de San Marcos Evangelista. De los huesos de Herena, virgen y mártir. De la leche de la Virgen María. De los huesos de San Nicolás, obispo. Del diente de San Sebastián. De la costilla de San Bernardo. De la estola, polvo y huesos de San Bartolomé, apóstol. De la cabeza de San Juan Crisóstomo. De los huesos de los santos Pedro y Pablo, Andrés, Jacobo, Juan, Tomás, Isabel y otros santos que ignoramos sus nombres. Del templo de Salomón. De la costilla de San Clemente, papa y mártir. Del monumento de San Lázaro. De los huesos de San Jacobo, apóstol. De los huesos de San Martín, obispo. De la túnica de San Francisco y de su cinturón. De los huesos de Santo Domingo, padre de los Predicadores. De los huesos de San Justo y Simeón. De la costilla de San Gil, abad. Del ungüento de que fue untado el Señor. Del polvo del cuerpo de San Vicente y de sus cabellos. De la vestimenta con que fue vestido en su muerte. De la madera de la nave en que fue transportado. Del cilicio de San Edmundo. Del palio, la túnica y las vestimentas de Santa Catalina. Del brazo de San Andrés. Del dedo de San Inocencio. De los huesos de San Gregorio, mártir. Del palio de

Santo Tomás, mártir. De los huesos de Santa Flaminia, virgen, y de Ursicino, obispo y confesor. De los huesos de San Bonifácio, mártir. De los huesos de los santos mártires Lucas y Germano. Del brazo de Santa Leocadia, virgen y mártir. De los huesos de los santos que fueron quemados en Córdoba. Del cilicio de San Juan Bautista. Del cingulo de Isabel, madre de San Juan Bautista. De la cabeza de Santa Benita, virgen.³²

O rol é extraordinário! Sem dúvida, as relíquias estão à altura daquele que se considerava o maior mosteiro cisterciense de León. Esse patrimônio era tão importante quanto os domínios sobre territórios e gente, o que levava a uma acirrada competição entre as casas monásticas e as sés, no intuito de possuir um pedaço da história sagrada do cristianismo. Neste sentido, Valparaíso levava vantagem, pois deveria ser difícil concorrer com o “barro de que fue formado Adán”!

A lista é longa e aparentemente caótica, devido à sucessão de personagens fora de qualquer ordem que nos seja familiar. Mas, uma análise mais atenta, permite compreender que, por meio das relíquias, Valparaíso se associava com grande eficiência aos principais momentos do Antigo e do Novo Testamento, da história do cristianismo fora e dentro da Península Ibérica e, inclusive, da história dos concorrentes.

Para começar, o primeiro homem, Adão. Seguido dos cajados dos patriarcas, Aarão e Moisés, fragmentos do símbolo da sua liderança sobre o povo de Deus, que se exerce na geografia do Mar Vermelho, cujo leito seco os escolhidos atravessaram em direção à Terra Prometida. Por fim, o Templo de Salomão, como espaço sagrado que resume o Antigo Testamento.

A vida de Cristo inicia-se pelos Santos Inocentes, que evocam os recém-nascidos mortos por Herodes, para que o próprio Cristo pudesse escapar e cumprir a profecia. Ele volta a entrar em cena, com o batismo, no rio Jordão, pelas mãos de João Batista, que será lembrado pelo cilício, ou seja, pelo sacrifício, e pela sua mãe, Isabel, da qual se guardam ossos e um cinto. Um pedaço de madeira da porta pela qual o Cristo entrou em Jerusalém é o elemento que coloca o Salvador no cenário da Paixão. Fragmentos da sua mesa de refeições, da pedra sobre a qual jejuou e do pão da Última Ceia são elementos que se conectam profundamente. Em seguida, a paixão e a morte, materializados nos pedaços da coluna a que foi atado, das vestimentas, da cruz, da mirra e do bálsamo, do unguento com que lhe embalsamaram o corpo, da pedra que antecede o sepúlcro. A ressurreição representada pelos fragmentos de duas pedras: uma em que Cristo se sentou para pregar aos discípulos no Monte Tabor e aquela em que apoiou os pés antes de subir ao Céu.

A história evangélica prossegue por meio da luz da candeia que no Pentecostes se acendeu com o fogo do Espírito Santo e os fragmentos de vestimentas e de ossos dos apóstolos Pedro, Tiago, Tomé e André. Deste último, há que citar ainda um braço, bem como a cabeça de Bartolomeu. Para um mosteiro que tinha sua vida ligada ao Caminho de Santiago, era fundamental possuir relíquias de Tiago, o

³² *Apud* PÉREZ-EMBID, *op. cit.* p. 215-216.

Maior. Embora não seja um apóstolo, registra-se também Paulo, cujas relíquias são citadas conjuntamente com as de Pedro. Dos evangelistas, o mosteiro possui ossos de Lucas, Marcos e João. Com relação à Virgem Maria, cujo culto foi fortemente impulsionado pelos cistercienses no século XII, citam-se cabelos, leite, uma camisa e um fragmento do sepulcro.

Da vida eclesiástica, o mosteiro possui relíquias dos papas Leão, Estevão e S. Clemente, dos bispos Nicolás e S. Martinho, bem como de um grande personagem hispânico, S. Ildefonso, arcebispo de Toledo. Ganha especial destaque a costela de São Bernardo, o que certamente aludia ao fato de Valparaíso “ter sido criado da costela” de Clairvaux.

Ainda duas referências importantes à história do cristianismo na Hispânia. Primeiro, o braço de Santa Leocádia, virgem mártir, vítima das perseguições de Diocleciano, em Toledo, cujo culto foi muito difundido na cidade. Ela está associada à resistência cristã na Península Ibérica, e seus restos mortais teriam sido levados para Oviedo, quando da invasão muçulmana, e de lá para a Bélgica, onde ficaram custodiados na abadia de S. Ghislain. Somente no século XVI, Felipe, o Belo, e Joana, a Louca, conseguiram repatriar a santa,³³ ou, pelo menos, o que sobrara dela, uma vez que em Valparaíso havia um braço de Leocádia desde o século XIII! A outra referência diz respeito à resistência do cristianismo frente ao avanço do Islã, por meio dos ossos dos quarenta e oito mártires de Córdoba, que no século IX desafiaram as autoridades muçulmanas, buscando o martírio.

É interessante notar que Valparaíso se muniu também de relíquias pertencentes aos principais fundadores das ordens monásticas concorrentes, por meio dos ossos de S. Domingos, pai dos Predicadores (dominicanos), da túnica e do cinto de S. Francisco de Assis, e dos ossos de Pedro, presbítero dos frades menores (franciscanos). Portanto, era possível agradar também à devoção de peregrinos e visitantes que fossem mais simpáticos às novas tendências monásticas de ascetismo e pobreza.

No cômputo geral, há uma preferência pelas relíquias dos mártires, contando-se vinte e um desses personagens bem identificados, além dos quarenta e oito de Córdoba e das onze mil virgens!

Embora não saibamos exatamente como essas relíquias eram utilizadas, podemos aventar algumas hipóteses. Primeiro, é preciso dizer que todos os mosteiros, por menores que fossem, possuíam relíquias, muito embora a quantidade e a qualidade dependesse de suas capacidades econômicas e ligações políticas. Elas eram compradas, mas também podiam ser fruto de doações de pessoas importantes que tinham acesso à fonte dessas relíquias. Certamente devia ter muito poder aquele que conseguiu vender, ou doar, a Valparaíso pertences e ossos de dois santos icônicos, como S. Domingos e S. Francisco, sobretudo quando se leva em consideração que, na data de confecção do rol das relíquias, 1267, ambos tinham falecido há

³³ SANTOS VAQUERO, A. *Historia, mitos y leyendas de Toledo*. Toledo: Ediciones Covarrubias, 2008.

pouco mais de quarenta anos, e que as respectivas comunidades monásticas guardavam seus féretros e espólio com grande zelo.³⁴ Dos mosteiros leoneses analisados, conhecemos também o inventário do mosteiro de Carrizo, registrado no *Tumbo*, cujo conteúdo é bastante similar ao de Valparaíso. Portanto, as monjas valorizavam igualmente o potencial das relíquias. Chama-se a atenção, ainda, para o potencial que a variedade cronológica das relíquias permite: que o mosteiro possa, de forma eficiente e didática, mostrar aos fieis sua ligação com todos os momentos da história do cristianismo, além de contar com a força moralizante dos mártires.

Devido ao elevado número, aventa-se a possibilidade de que as relíquias não estivessem todas expostas, mas que fossem exibidas quando a ocasião o requeresse, inclusive, de forma a valorizar suas características de tesouro. Carrizo, por exemplo, possuía uma arca das relíquias, que se situava sob o altar-mor, e que hoje se encontra no Museu Diocesano de Astorga.



Figura 7 – Arca das relíquias de Carrizo (séc. XII)

Fonte: <http://www.saber.es/web/biblioteca/libros/provincia-leon/html/arte-patrimonio-historico.php>. Acesso em: 15 jun 2014

³⁴ Tampouco se pode perder de vista que parte dos fundamentos que embasaram o processo de canonização de S. Domingos se apoiavam no fato de que seu corpo se encontrava incorrupto!

Trata-se de um exemplar impressionante, tanto pelas dimensões como pelos detalhes de sua decoração. Uma vez mais, seguimos a análise da peça realizada por Concha Casado e António Cea:

El arca, de amplias proporciones – 1,60 de largo por 1,50 de alto y 0,74 de fondo -, es pieza importante dentro de la pintura medieval. Se trata de un arcón de pies, de forma rectangular y cubierta a cuatro aguas. Es de madera, reforzada toda con herrajes, y decorada con pinturas por su parte anterior. El frontal tiene al centro el Pantocrator dentro de la mandorla y el tetramorfos en las esquinas – hoy casi perdida la pintura. A ambos lados, los apóstoles, cada uno con su nombre, van enmarcados dentro de arcos de medio punto, y en las enjutas flores de lis blancas. La cubierta recoge dieciséis escenas de la vida de Cristo, dispuestas en tres órdenes, de izquierda a derecha: arriba se inicia con la Anunciación, Visitación, nacimiento, Anuncio a los pastores, y Adoración de los reyes. En el segundo tramo, el Bautismo, Tentaciones, Resurrección de Lázaro, entrada en Jerusalén, y entrada en el Templo. Por último, ya en el orden inferior, la Cena, Prendimiento, Crucifixión, Resurrección y Trés Marías.³⁵

Note-se que a arca em si, localizada na igreja, já causava impacto, além de anunciar seu conteúdo, sobretudo no que se referia à vida de Cristo. Havia ainda



Figura 8 – Arqueta relicário do mosteiro de Sandoval (séc. XIII)

Fonte: <http://www.artehistoria.jcyl.es/v2/obras/18873.htm>.

Acesso em: 16 jun 2014

arcas menores (*arquetas*) para guardar relíquias que se pretendiam reser-
var, ou custodiar dentro da clausura, a exemplo de uma
peça que se acredita ser originária do mosteiro de Sando-
val, e que hoje se encontra no Museu Arqueológico Na-
cional, em Madri. É uma *arqueta* de cobre dourado e
esmalte *champlevé* das oficinas de Li-
moges, datada em 1239; está remata-
da por arquinhos de ferradura e bo-
las, decorada com anjos e apóstolos.

³⁵ CASADO; CEA. *Los monasterios de Santa María de Carrizo... op. cit.*, p. 48-50.

Há ocasiões, entretanto, propícias à exibição das relíquias, que podem estar ligadas à solenidade de momentos religiosos e políticos, o que requer a criação de cenários, nos quais esses fragmentos do sagrado têm destaque especial na parafernália do poder. Da mesma forma, momentos de aflição requerem a intervenção direta das relíquias, como fomes, pestes e guerras. De Carrizo conhecemos uma cruz, do séc. XI, que guardava uma partícula da cruz de Cristo (*lignum crucis*), e que foi confeccionada com a intenção de ser exibida em público.

A cruz encontra-se hoje no Museu Diocesano de Astorga e é muito famosa. A forma sugere ter sido feita para ser exibida e reverenciada em público, e sua decoração não deixa dúvidas quanto à intenção de causar um impacto que estivesse à altura da qualidade da relíquia.

Os mosteiros contavam ainda com numerosas imagens de santos, das quais, infelizmente, restaram poucos exemplares pertencentes aos primeiros séculos da fundação. Mas as que resistiram, a exemplo do Cristo de Carrizo (imagem a seguir), dão-nos uma boa ideia desses objetos sagrados.



Figura 9 – Cruz processional de Carrizo (*lignum crucis*), séc. XI

Fonte: CASADO; CEA. Los monasterios... op. cit., p. 54



Figura 10 – Cristo de Carrizo (séc. XI)

Fonte: www.lasalle.es. Acesso em: 17 jun 2014

Tal como a peça anterior, o Cristo de Carrizo encontra-se musealizado, fora da comunidade conventual, no Museu de San Marcos de León. Hoje esse Cristo deixou de ser uma relíquia sacra para converter-se numa relíquia da província de León. O fato é que a peça, por si só, tal como na Idade Média, atrai milhares de visitantes que, devido à fama que esse pequeno Cristo de marfim alcançou, vão a San Marcos

apenas para vê-lo. Outrora, iam a Carrizo.

Conclusão

O monacato cisterciense leonês, a meados do século XII, estava ligado a um passado de tipo eremítico,³⁶ que à partida lhe dá umas características de santidade arraigadas à experiência religiosa popular. Esse é o caso de seis dos onze mosteiros analisados. Entretanto, mesmo os de nova fundação não ignoraram as devoções de tipo eremítico local, que acabaram por se misturar aos domínios dos mosteiros, como pequenas igrejas paroquiais ou como locais de peregrinação, como no caso da Virgen del Villar (Villar de las Ollas), cujo povoado e a imagem são anteriores à construção do mosteiro de Carrizo, mas cuja devoção será potencializada pelas monjas.

Ao mesmo tempo, é importante tentar compreender o processo de santificação dos espaços cistercienses em Leão, por meio da ação das linhagens aristocráticas. Se, por um lado, elas se beneficiavam do potencial sagrado advindo das relíquias e do contato com os santos, por outro, elas próprias eram vistas como ordens

³⁶ É esta a percepção dos autores que estudaram o Cister masculino leonês. Por todos, ver: PÉREZ-EMBED, *op. cit.*, p. 50.

superiores da sociedade que, devido a suas virtudes cristãs e nobres, acabavam por transmitir às relíquias e à comunidade monástica uma legitimidade sólida. Nesse sentido, cremos que as igrejas dos mosteiros configuravam um palco onde se enenava com perfeição a representação da aristocracia cristã. Ali se reuniam os vivos e os mortos, que constituíam a família dos patronos, com a história do cristianismo. Os visitantes, sobretudo os peregrinos, eram os responsáveis por levar longe a fama desses senhores leoneses. Os vassalos camponeses, que frequentavam a igreja em dias solenes, reavivavam a razão de sua submissão. Os pares, religiosos e laicos, comprovavam a legitimidade da supremacia do grupo, uma vez que ele demonstrava possuir todos os elementos indispensáveis à nobreza.

A sacralização dos espaços, portanto, transcende uma concepção de territorialização monopolizada pela Igreja. Tentamos mostrar que um mesmo espaço é atravessado por múltiplos sentidos, mas que todos eles convergem para a construção de uma sociedade cristã, sob o comando de uma aristocracia que compreende ser a responsável pela salvação e pelo bem comum. As estratégias para alcançar o objetivo são muitas, mas no que tange ao monacato, percebemos que a sacralização de espaços e de objetos faz parte de uma trama de jogos mnemônicos, que ata os vivos aos mortos, criando a memória.³⁷ Neste sentido, a sacralidade tem uma eficácia política evidente, e recuperando o pensamento de Durkheim, a maneira como os mosteiros cistercienses leoneses estão fundidos com a aristocracia reforça a imagem de guardiões “da ordem física e moral, dispensadores da vida, da saúde, de todas as qualidades que os homens prezam”.³⁸ A memória da aristocracia confunde-se com a dos mártires e a dos santos, na senda da virtude e do sacrifício pela salvação e pelo bem comum.

Artigo recebido em 19 de setembro de 2014.

Aprovado em 08 de novembro de 2014.

³⁷ Neste sentido, ver: CARRUTHERS, Mary. *Machina memorialis*. Méditation, réthorique et fabrication des images au Moyen Âge. Paris: Macula, 2002.

³⁸ DURKHEIM, E.. *Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulus, 1989, p. 485. Recentemente, Leandro Rust, numa obra sobre o papado (*A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de uma história*. Cuiabá, EDUFMT, 2013), chamou a atenção para a necessidade de se recuperar alguns aspectos importantes do pensamento de Durkheim, no que se refere à dimensão do sagrado. Sou devedora desta “redescoberta”.